



TEMÁTICA LIVRE

Conhecimento linguístico do letrado acerca das expressões de futuridade: forma perifrástica (gramática nuclear/L1) versus forma sintética (gramática periférica/L2)¹

The linguistic knowledge of the literate about the futurity expression: periphrastic form (core grammar/L1) versus synthetic form (peripheral grammar/L2)

El conocimiento lingüístico del alfabetizado sobre la expresión del futuro: forma perifrástica (gramática nuclear/L1) versus forma sintética (gramática periférica/L2)

**Paulo Ângelo de
Araújo-Adriano²**

orcid.org/0000-0002-9884-0723
pauloangelooaa@gmail.com

Recebido em: 21/11/2019
Aprovado em: 18/8/2020
Publicado em: 17/12/2020

Resumo: Considerando o português adquirido naturalmente como L1 e o ensinado nas escolas como L2, dados orais e escritos de: a) crianças em fase de aquisição; b) estudantes entre a 1ª a 8ª série; e c) acadêmicos; foram analisados, haja vista as expressões de futuridade: a) futuro sintético; b) "ir" + infinitivo; c) "haver + de"; e d) forma de presente. Ademais, contrastamos esses dados com peças históricas do português brasileiro (PB) entre o século XVI-XXI. Os resultados mostram que o futuro sintético não é adquirido naturalmente e, somente na escrita, quanto maior a escolaridade, maior sua frequência; a estrutura adquirida naturalmente é "ir" + infinitivo, usada tanto na oralidade, quanto na escrita, independentemente do grau de escolaridade. Verificamos também que a escola recupera somente alguns fósseis linguísticos, não todos. Propomos, pois, que a língua-l do letrado consiste na forma "ir" + infinitivo como parte da gramática nuclear e na forma sintética como parte da gramática periférica.

Palavras-chave: Expressão de futuridade. Gramática periférica. Gramática nuclear. Gramática gerativa.

Abstract: Considering naturally acquired Portuguese as an L1 and the one taught in schools as an L2, oral and written data from (a) naturally acquired children, (b) 5th and 8th grade students, and (c) university students were analyzed taking into account the expressions of futurity; namely, (i) synthetic future; (ii) 'ir' + infinitive; (iii) 'haver-de' + infinitive; (iv) present form. We contrast this data with historical roles of BP between the XVII and XXI centuries. The results show that the synthetic future is not acquired naturally and the higher the level of education, the greater its use (in written domains). We also find that school recovers only a few linguistic fossils (synthetic form of futurity), but not all. We therefore propose that the I-language of the literate consists of the periphrastic form as part of core grammar and the synthetic form as part of peripheral grammar.

Keywords: Expression of futurity. Peripheral grammar. Core grammar. Generative grammar.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ A presente pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), código de financiamento 001, durante meu mestrado (2017-2019), cujos resultados foram apresentados na 13.ª semana de eventos FALE – Pensar a infância: linguagem e imaginário, ocorrido em 2018, na Universidade Federal de Minas Gerais e nos Colóquios do ForMA (núcleo de pesquisa em gramática Formal, Mudança e Aquisição), em 2018, na Universidade Estadual de Campinas. Agradeço a todos os comentários e indagações feitas nesses eventos. Agradeço também aos pareceristas anônimos pelas observações e sugestões ao trabalho. Ainda que nem todas puderam ser contempladas neste artigo, elas serão levadas em consideração em trabalhos futuros. Por fim, agradeço à Lara Ribeiro Silva, pela leitura, pelo diálogo e pelas sugestões pertinentes.

² Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil.

Resumen: Considerando el portugués adquirido naturalmente como L1 y el que se enseña en las escuelas como L2, los datos orales y escritos de (a) niños adquiridos naturalmente, (b) estudiantes de quinto y octavo grado y (c) estudiantes universitarios se analizaron teniendo en cuenta las expresiones de futuro; a saber, (i) futuro sintético; (ii) 'ir' + infinitivo; (iii) 'haver-de' + infinitivo y (iv) forma presente. Contrastamos estos datos con obras de teatro brasileñas entre los siglos XVII y XXI. Los resultados muestran que el futuro sintético no se adquiere naturalmente y cuanto mayor es el nivel de educación, mayor es su uso (en dominios escritos). También encontramos que la escuela recupera solo unos pocos fósiles lingüísticos (forma sintética del futuro), pero no todos. Por lo tanto, proponemos que el lengua-l del alfabetizado consista en la forma perifrástica como parte de la gramática nuclear y la forma sintética como parte de la gramática periférica.

Palabras clave: Expresión de futuridade. Gramática periférica. Gramática nuclear. Gramática generativa.

Introdução

Já é de longa data que muitos linguistas vêm considerando que o português falado é completamente diferente do português ensinado na escola, de forma que não se fala mais em somente um português, ao contrário, há quem argumenta que, na verdade, o português são dois (MATTOS E SILVA, 2004), ou até mesmo três (KATO, 2012) considerando o português europeu.

Tais argumentos são baseados na ideia de que o ensino de língua materna no Brasil é dado como um caso de diglossia (KATO, 1993), em que, de um lado, há o português trazido de casa pelo aluno, aprendido naturalmente e, de outro lado, há o português fruto do processo de normatização (PAGOTTO, 2013), tão distante da língua falada, sendo, pois, considerado uma segunda língua, uma L2.

Dentro do espaço de aprendizagem, a escola tenta manter as perdas linguísticas para marcar um estilo mais formal. O produto dessa aquisição consciente constrói o que alguns autores, entre eles Chomsky (1986) e Kato (1993, 2012), chamam de gramática periférica: um sistema de regras pertencente à gramática universal (GU) do letrado, que se assemelha à gramática dos séculos passados. É nesse sentido que a escola faz com que haja uma distância marcante entre as gramáticas: quando o ensino de língua materna promove e reproduz regras gramaticais de fósseis da língua, constrói-se um embate gramatical, cujos parti-

cipantes em ação são a L1, oriunda da aquisição natural, *versus* a L2, aprendida na escola.

A partir de estudos do português brasileiro (PB) sobre diversos fenômenos linguísticos, verifica-se que é notável a distância entre as formas vernaculares e o português praticado no ambiente escolar. Um desses fenômenos é a expressão de futuridade. Alguns estudos já mostraram (GIBBON, 2000; SANTOS, 2002; ARAÚJO-ADRIANO, 2014, 2016; entre outros) que o PB não faz uso da forma sintética na língua falada, isto é, a forma flexionada para futuro, como em "eu farei", para expressar um evento potencial. Ao contrário, a forma "ir" + infinitivo, a forma perifrástica, é usada para tanto, muito embora a tradição escolar só a considera, quando o faz, como um fenômeno de variação, promovendo a forma sintética como a mais adequada e a mais natural.

Assim, a história do PB mostra-nos que a forma sintética parece ser um fóssil da língua falada, uma vez que essa forma perdeu espaço no fim do século XIX para a forma perifrástica, havendo, no século XXI, somente 1% dos casos daquela variável em comparação a essa, com 85% dos casos, de acordo com Araújo-Adriano (2019a). É válido notar que outra forma que veicula futuridade no século XXI aparece com verbos com morfologia de presente, em 14% dos dados.

Diante disso, é objetivo deste trabalho verificar a influência da escolarização na recuperação da perda diacrônica da forma sintética, partindo da hipótese de que a) a gramática nuclear das crianças, oriunda da aquisição natural, não compõe a forma sintética para expressar futuridade, mas sim a forma perifrástica, e que b) a escolarização recupera formas gramaticais perdidas ao longo da história da língua (KATO, 2013, 1999; KATO; CYRINO; CORREA, 2009).

Para tanto, este texto se encontra assim dividido: na seção 1 apresentamos uma discussão sobre o conhecimento linguístico do letrado. Na seção 2 expomos o percurso diacrônico da expressão de futuridade. Na seção 3 disponibilizamos os dados coletados, levando em consideração o grau de escolaridade dos falantes. Por fim, na quarta seção, fazemos uma discussão dos resultados e tecemos algumas conclusões relevantes para o estudo.

1 O conhecimento linguístico do falante letrado

Uma das questões principais (CHOMSKY, 1986) a qual a Gramática Gerativa se propôs a responder foi como uma criança adquire uma língua mediante a dados linguísticos tão pobres (dilema que ficou conhecido como Problema de Platão). Falantes adultos de uma língua L possuem um conjunto limitado de regras capaz de gerar um número ilimitado de sentenças. Uma vez que a criança é exposta a essa língua do adulto, clara e naturalmente, observa-se que ela tende a falar aquela língua L. Assim, pode-se dizer que o processo de aquisição está intimamente relacionado com os dados aos quais a criança está exposta, na medida em que, caso ela não seja exposta a nenhuma língua, não tem nenhuma evidência linguística (*input*) para formular suas regras.³ Entretanto, os dados linguísticos primários (DLP) que servem de *input* à criança parecem não ser suficientes para explicar a complexidade e a vastidão do conhecimento gramatical de um falante. Na verdade, o *input* parece ser tanto pobre (insuficiente) quanto degradado.

Grolla e Figueiredo Silva (2014), quando defendem uma abordagem racionalista para a aquisição da linguagem, mostram que a criança não necessariamente é exposta, por exemplo, a um conjunto total de combinações em que o pronome relativo ("que") pode substituir qualquer sintagma (DP sujeito, DP objeto, PP objeto) em uma sentença relativa (GROLLA; FIGUEIREDO SILVA, 2014, p. 72):

(1) (a) A menina [que o Pedro namora_] conhece o João

(b) A menina [que _ viajou ontem] conhece o João

(c) A menina [pra quem o Pedro deu um presente _] conhece o João

(d) A menina [que o Pedro deu um presente _] conhece o João.

É impossível, segundo as autoras, garantir que a criança tenha acesso a todas as senten-

ças em (1) com o fim de sistematizar uma regra que estipule qual sintagma o pronome relativo substitui. Entretanto, qualquer criança é capaz de interpretar que em (1) o pronome relativo substitui o DP objeto de namorar (em (1a)); o DP objeto de viajar (em (1b)), assim por diante. É nesse sentido que os dados linguísticos são, de certa forma, pobres, pois não oferecem evidências de todas as possíveis estruturas da língua.

Além de serem insuficientes, os DLP aparentam ser degradados. A fala dos adultos que estão ao redor da criança apresenta diversas irregularidades, como incompletude da fala, disfluências, reformulações, interrupções, aleatoriedade etc. Diante desse impasse, a Gramática Gerativa postulou que existe um componente particular da mente humana denominada Faculdade da Linguagem (CHOMSKY, 1986).

À vista disso, toda a espécie humana viria dotada biologicamente de um aparato inato capaz de adquirir qualquer língua. Incorporada na Faculdade da Linguagem, portanto também inata, haveria a Gramática Universal (GU) que é capaz de gerar uma língua particular através da experiência oferecida pela exposição dos dados; tal GU é o estado inicial (S₀) da língua de um falante. Assim, a partir da exposição a um determinado dado linguístico, a língua-E(xterna), a criança fixa, por meio de valores positivo ou negativo, um conjunto de regras específico a sua língua alvo, formando sua Gramática Nuclear (GRN). Tal GRN, por sua vez, é compartilhada pelos falantes de uma mesma comunidade X, já que essa comunidade possui as mesmas regras gramaticais. Porém, a diferença entre um falante e outro encontra-se na Língua-I, pois o conhecimento linguístico do falante não é igual para todos os indivíduos: a experiência linguística varia.

Língua-I é entendida como uma língua interna, intensional (com "s") e individual; interna pois está relacionada a um componente da cognição individual, intensional, porque diz respeito à formulação real dos princípios gerativos, não à extensão que ela numera (que seria a contra-

³ Casos infelizes de privação de dados (CURTISS; WHITAKER, 1977, para o caso Genie; e LANE, 1976, para o caso Victor) corroboram o argumento de que a exposição a dados é essencial no processo de aquisição.

parte extensional) e, por fim, individual porque a língua não é considerada como um objeto social (CHOMSKY, 1981). Dito de outra forma, Língua-I é o conhecimento linguístico do falante, que lhe permite julgar, por exemplo, se uma sentença é tida como (a)gramatical. Nas palavras do autor:

what a particular person has inside his head is an artifact resulting from the interplay of many idiosyncratic factors, as contrasted with the more significant reality of UG (an element of shared biological endowment) and core grammar (one of the systems derived by fixing the parameters of UG in one of the permitted ways) (CHOMSKY, 1981, p. 8).

Diante disso, o processo de aquisição seria esquematizado, como exposto em (2), abaixo:

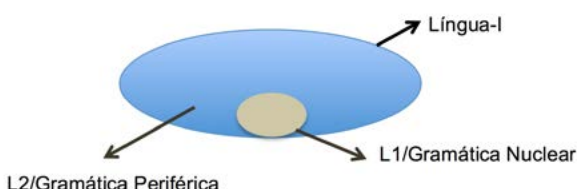
$$(2) \textit{input} L_{(\text{Língua-E})} \rightarrow GU_{(\text{so})} = \textit{GRN}/\textit{Língua-I}$$

Explorando esses conceitos fundamentais de Chomsky, Kato (2005) propõe que o processo formal da aquisição de uma língua é um pouco diferente do processo natural e espontâneo. Para a autora, o conhecimento do letrado seria formado a partir de um conhecimento compartilhado com todos os indivíduos, havendo diferença no que a autora chama de gramática periférica: "as gramáticas nucleares ficam restritas ao conhecimento acessível a qualquer ser humano, enquanto tudo o que nos

diferencia se encontra nessa periferia que expande nossa Língua-I." Essa formulação já podia ser percebida em Chomsky, com a proposta de que "cada língua incorporaria uma periferia de empréstimos, resíduos históricos, invenções, e assim por diante" (CHOMSKY, 1981, p. 8, tradução nossa).⁴

Na mesma direção, como invoca Kato (2013), o conhecimento linguístico do letrado é formado (Figura 1) por: a) uma gramática nuclear, aquela que é compartilhada por todos os falantes de uma mesma comunidade, a partir da fixação de valores paramétricos da GU; e b) uma gramática periférica, oriunda da aprendizagem escolar, que se assemelha à gramática dos brasileiros do século passado.

Figura 1 – Gramática do Letrado



Fonte: Adaptado de KATO (2013, p. 150).

Para a autora, a diferença entre a aquisição natural e espontânea da linguagem e a aquisição de uma segunda língua (ou da escrita) seria assim resumida (Quadro 1):

Quadro 1 – Aquisição de L1 e L2: diferenças

Em L1	Em L2
Toda criança adquire, de forma perfeita, a sua gramática nuclear (GRN) até a fase pré-escolar.	O início da aprendizagem começa, em geral, depois da idade crítica da aquisição de L1. A aprendizagem pode ser mais vagarosa e não quase instantânea como em L1.
A perfeição e o tempo, este extremamente rápido, da aquisição, se devem à capacidade biológica da criança.	A aprendizagem é culturalmente e não biologicamente determinada, havendo, portanto, mais diferenças individuais, ao contrário da L1, muito mais uniforme.
A criança seleciona sua gramática a partir do que ouve, usando as propriedades binárias (+P ou -P), ou os parâmetros da Gramática Universal (GU), com a qual ela vem dotada, não havendo instruções, ou correções (dados negativos).	O sucesso depende de dados positivos e negativos (correções) e não apenas positivos como em L1.
O processo de aquisição é inconsciente e de caráter dedutivo.	O sucesso depende de processos essencialmente consciente, de ordem tanto dedutiva, quanto indutiva.

Fonte: Adaptado de Kato (2013, p.148).

⁴ Do original: each language will incorporate a periphery of borrowings, historical residues, inventions and so on.

Dessa maneira, o tipo de conhecimento linguístico em jogo, baseado nessas acepções acima, juntamente às fases filogenéticas e ontogenéticas da escrita (KATO, 1986, 1999), seria formulado a partir de uma fala inicial pautada na GRN (Fala_{L1}), seguida de uma escrita (quase) consciente, moldada pela aprendizagem da L2 (Escrita_{L1/L2}), porém ainda como uma tentativa de representar a Fala_{L1}, já que a criança começa a escrever levando em consideração a relação letra-fone (KATO, 1999). Posteriormente, com o domínio maior da escrita, a escrita passa a incorporar as normas convencionais, pelo seu caráter conservador, fundamentada na L2 (Escrita_{L2}), que já é autônoma em relação à L1. Por fim, depois desse processo, a fala é filtrada pela tecnologia da escrita, podendo ser consciente ou não (Fala_{L1/L2}). Esse movimento está representado a seguir:

(i) Fala_{L1} > Escrita_{L1/L2} > Escrita_{L2} > Fala_{L1/L2}

Nessa perspectiva, uma vez que a criança chega à escola já com sua gramática nuclear definida (FalaL1), o português ensinado formalmente acaba sendo uma segunda língua (EscritaL2). No que se concerne à teoria de aquisição de segunda língua, Roper (1999) destaca-se por propor o bilinguismo universal, segundo o qual todos os falantes são, potencialmente, bilíngues. Sua hipótese forte prevê que, na língua-I do falante, há uma gramática *default* (G1), configurada por base na aquisição natural e consciente, que comporia a GRN, além de uma segunda gramática (G2), a periferia marcada, que, por estar em nível desigual em relação à G1, pode nem mesmo compor uma língua-I (como o caso de pessoas não letradas que não tiveram acesso a uma segunda língua, seja ela qual for). À luz dessas ideias, um falante letrado pode fazer alternância desse código, uma vez que tem como base a G1, mas acessa, por

conveniência, sua periferia marcada, fazendo o que ficou conhecido por *code-switching*.

2 O percurso diacrônico do fenômeno

Assumindo que a escrita mantém as perdas linguísticas, recuperando séculos de diacronia, voltamos no tempo para verificar quais estruturas de futuridade estariam, de fato, sendo recuperadas no contexto escolar. Na história do PB, é possível encontrar quatro formas possíveis para a expressão de futuridade, como mostra Araújo-Adriano (2019a):

- a) forma "Haver-de" + infinitivo, como em (3a);
- b) forma sintética, como em (3b);
- c) forma "ir" + infinitivo, como em (3c);
- d) forma verbal no presente, como em (3d).

(3) (a) Se me ferrais esta cara co'um favorzinho de riso, me **hei de** rir de farto então do mundo e seus regozijos (século XVII).

(b) E como **saberei** eu, qual delas é a da Manjerona? (século XVIII).

(c) Ele **vai5 contar** essas histórias todas, mas é na Delegacia (século XX).

(d) Pergunta aí, Dolores, quando é que **vem** o filme da Kim Novak? (século XX).

Os dados de Araújo-Adriano (2019a) sugerem que as formas em (a) e (b) acima deixaram de fazer parte do sistema linguístico do PB oral no fim do século XIX, pois nas peças de teatro analisadas havia ocorrências residuais tanto da forma sintética de futuro quanto da forma "haver de" + infinitivo. Prevaleceram, visivelmente, a forma perifrástica e a forma verbal no presente expressando futuridade. Parte dos resultados diacrônicos está apresentada a seguir:

⁵ Estamos tratando aqui como perífrase casos em que o auxiliar "ir" está no presente, como exemplo (3c) mostra. Nas próximas seções, nos exemplos, usamos como glosa para o auxiliar no presente AUX.PRS e para seu complemento, o infinitivo verbal, V-INF. Já para a forma verbal no presente, como em (3d), usamos V.PRS. Por fim, para formas verbais sintéticas, usamos V.FUT.

TABELA 1 – Distribuição de estruturas de futuro por século: PB

Século	Sintético		'Ir' + Infinitivo		Haver-de		Presente		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
XVI	302	71	1	0	119	28	5	1	427	100
XVII	220	59	5	1	149	40	1	0	375	100
XVIII	452	64	16	2	236	33	5	1	709	100
XIX	242	46	142	27	127	24	16	3	527	100
XX	23	6	300	80	6	2	46	12	375	100
XXI	2	1	124	85	0	0	20	14	146	100
Total	1.241	-	588	-	637	-	93	-	2.559	

Fonte: Elaborado pelo autor (2019a).

Grosso modo, a Tabela 1 mostra que a forma sintética diminui de 71% no século XVI para 1% no século XXI. Do mesmo modo, "haver-de"⁶ tem seu uso reduzido de 40% no século XVII para 0% no século XXI. Por outro lado, a forma "ir" + infinitivo aumentou de 0% no século XVI para 85% no século XXI, sendo a forma mais usada na atualidade. A forma "presente", ainda muito tímida no sistema, atingiu 14% no século XXI.

Araújo-Adriano (2019a) também mostra que as únicas formas flexionadas no futuro ainda presentes no sistema do PB atual são formas que não expressam futuridade, ao invés disso são formas cristalizadas,⁷ como observamos a seguir em (4), com sua respectiva perífrase em (5), agramatical por não haver equivalência.

(4) (a) Por onde **andar** Neiva? (= por onde anda Neiva).

(b) O que **será que** aconteceu? (= o que foi que aconteceu).

(c) **Será que** eu esqueci minha chave em casa?

(d) Se ela que é rica parcelou em 10 vezes, **que dirá** eu!

(e) Paulo, vá arrumar teu quarto! Aquilo lá está ao/um **Deus dará!**

(f) **Será o benedito** que não tem uma série e um filme que chame minha atenção nessa netflix?

(5) (a) *Por onde **vai andar** Neiva?

(b) *O que **vai ser que** aconteceu?

(c) ***Vai ser que** eu esqueci minha chave em casa?

⁶ Araújo-Adriano (2019a) considera que a queda da forma "haver-de" pode ter sido ocasionada pelos seguintes fatores: o verbo "haver" sofria pressão de outra estrutura, o verbo "ter", em estruturas existenciais, tempos compostos e modalidade deontica, segundo Mattos e Silva (1989, 1996), Viotti (1998), Callou e Avelar (2002, 2003) e Avelar (2006). Assim, o verbo "ter" passou, ao longo do tempo, a substituir o verbo "haver", o que pode explicar o fato de que tal verbo tenha perdido força no sistema linguístico. Dessa maneira, já pressionado pelo verbo "ter", o verbo "haver" não resistiu e, quando da concorrência com o verbo "ir" + infinitivo, desapareceu, a partir de 1919, pelo menos para marcar futuridade.

⁷ As expressões exibidas em (4) precisam ser melhor estudadas. Por ora, é possível trazer um dos argumentos para classificá-las como formas cristalizadas: todas só são gramaticais com verbos específicos. Caso haja outro verbo no seu lugar, a sentença, mesmo flexionada, é agramatical:

a. Por onde [andará/'comerá] Neiva? (* por onde come Neiva)

b. O que [será/'comerá que] aconteceu?

c. [Será/'comerá que] eu esqueci minha chave em casa?

d. Se ela que é rica parcelou em 10 vezes, [que dirá/'comerá] eu!

e. Paulo, vá arrumar teu quarto! Aquilo lá está ao/um [Deus dará/'comerá]!

f. [Será/'comerá o benedito] que não tem uma série e um filme que chame minha atenção nessa netflix!

(d) *Se ela que é rica parcelou em 10 vezes, **que vai dizer** eu!

(e) *Paulo, vá arrumar teu quarto! Aquilo lá está ao/um **Deus vai dar!**

(f) ***Vai ser o benedito** que não tem uma série e um filme que chame minha atenção nessa netflix?

Em relação ao processo de escolarização, assumindo a hipótese de Kato, Cyrino e Correa (2009), é esperado que a escola tente recuperar as perdas linguísticas do século XVIII, isto é, a forma sintética e a forma "haver-de", que, no referido século, eram as duas formas mais usadas para expressar futuridade.

Considerando que é a criança quem faz a mudança linguística (LIGHTFOOT, 1991) e que somente a forma inovadora é contida na sua gramática nuclear (KATO, 2012), levantar-se-ia a hipótese de que, a partir da Tabela 1, a criança passou a ter na sua GRN somente a forma inovadora "ir" + infinitivo, uma vez que tanto a forma sintética quanto a forma "haver-de" já estavam no sistema.

A essa conclusão chega Araújo-Adriano (2019a). Para o autor, a mudança da expressão de futuridade ocorreu quando, no sistema do PB, havia duas estruturas competindo entre si: a forma sintética e a forma perifrástica 'ir' + infinitivo (para a forma perifrástica "haver de" + infinitivo, ver nota 3). Dessa maneira, havendo duas estruturas, os dados linguísticos aos quais as crianças do fim do século XIX tinham acesso eram opacos e ambíguos, na esteira de Roberts (2007, 2017).⁸ Assim, uma vez que para Araújo-Adriano (2019a) a derivação da forma sintética é mais custosa, pois envolve mais traços formais, as crianças preferiram a forma mais simples, a perifrástica.

Pensando na aquisição de maneira sincrônica, mostramos, na próxima seção, os resultados do estudo de aquisição a partir dos quais advogamos que a forma sintética de futuro nada mais é que produto da gramática periférica.

3 O percurso da escolarização

Esta seção tem como objetivo demonstrar como o falante de português brasileiro adquire as expressões de futuridade. Em um primeiro momento, apresentamos como a futuridade é adquirida no contexto natural e espontâneo, a partir de dados longitudinais, quando as crianças ainda não foram expostas à sistematização escolar. Posteriormente, mostramos os resultados da aquisição de futuridade monitorada e consciente, em textos escritos em dois momentos: a) da 1ª a 4ª série e b) da 5ª a 8ª série. Na sequência, mostramos os resultados a partir de textos acadêmicos de universitários. Por fim, expomos os resultados de entrevistas orais com acadêmicos. Assim, nesta seção, traçamos um panorama que contempla a Fala_{L1}, Escrita_{L1/L2}, Escrita_{L2} e a Fala_{L1/L2}.

3.1 Adquirindo (natural e inconscientemente) a expressão de futuridade (Fala L₁)

Os dados que compuseram essa análise longitudinal estão em maior detalhe em Araújo-Adriano (2019b), que observou o que acontece na gramática da criança antes de ir para a escola, a partir de dois corpora: CEALL (PUC-RS) para as crianças 1 e 2 (C1 e C2) e CEDAE (Unicamp) para a criança 3 (C3), entre a idade de 01;08 (um ano e oito meses) e 03;07 (três anos e sete meses). A Tabela 2 mostra as estruturas produzidas pelas crianças no período analisado:

⁸ Grosso modo, a proposta de Roberts (2007, 2017) para a mudança linguística leva em consideração dois aspectos importantes, quais sejam, ambiguidade e opacidade estrutural. A primeira diz respeito a haver nos dados da criança duas representações para o mesmo conjunto de dados, por exemplo, a forma sintética e a perifrástica para expressar futuridade. Já o segundo aspecto lida com simplicidade estrutural em termos de quantidade de traços formais: as crianças, por serem conservadoras, preferem uma estrutura mais simples, isto é, com um menor número de traços formais. O que Roberts (2007, 2017) invoca para mudança linguística, então, é a presença de uma ambiguidade nos dados aos quais a criança tem acesso, isto é, uma coocorrência de estruturas, a partir da qual a criança escolhe a estrutura mais simples, ou seja, com um menor número de traços.

TABELA 2 – Expressões de futuridade produzidas pelas crianças

Idade	C1, C2 e C3	
	Ir + infinitivo	Sintético
	N°	N°
01;08	0	0
01;10	0	0
02;01	1	0
02;03	5	0
02;08	11	0
03;00	10	0
03;07	11	0

Fonte: Adaptado de Araújo-Adriano (2019b).

Os dados sugerem que a única estrutura que a criança adquire para expressar futuridade é a 'ir_{AUX.PRS}' + infinitivo (cf. (6)), a forma perifrástica: não houve nenhuma produção de forma sintética pelas crianças, o que já era esperado, uma vez que Araújo-Adriano (2019b) não encontra nenhuma evidência positiva sintética de expressão de futuridade para a criança (vinda da fala dos adultos no *corpus* longitudinal). Na verdade, todas as formas sintéticas que serviram de *input* para as crianças analisadas não veiculavam futuridade, conforme observamos em (7).

(6) (a) (03;07)

C1: a gente **vaiAUX.PRS guardarV-INF** e eles não **vãoAUX.PRS pegarV-INF** do meu quarto porque eles não consigam.

(b) (03;06)

C2: É do Vicente da escola que **vaiAUX.PRS fazerV-INF** aniversário de cinco anos.

(c) (02;03)

A3: Não faz assim que cê arranca tudo as peças do posto [...] Não pode puxar assim as peças.

C3: Hã, hã, a Fausta **vaiAUX.PRS ficáV-INF** muito bava.

A3: Vai. A Fausta vai ficar muito brava (ri). Por que ela vai ficar brava?

C3: Eu **vouAUX.PRS ficáV-INF** muito bava com ela tamém.

(7) Formas flexionadas usadas pelos adultos (A1, A2 e A3)

(a) (03;06)

A2: Que que ela tem pra tomar remédio?

C2: Ela tá doente, com gripe.

A2: Tá doente com gripe? Ah, **será que** ela pegou chuva?

C2: Não sei.

(b) (02;08)

A3: Ai meu deus, **será o benedito, será que** hoje é o dia?

Nesse *corpus*, não encontramos nenhum caso de *code-switching*, isto é, alternância entre a forma sintética e perifrástica.

3.2 Adquirindo (cultural e inconscientemente) a forma sintética por meio da escolarização (Escrita_{L1/L2}' EscritaL2 e a Fala_{L1/L2})

Na seção anterior, verificou-se que a forma sintética para expressar futuridade é ausente antes da escolarização na gramática da criança. Assumindo que a escola tenta resgatar fósseis gramaticais (KATO; CYRINO; CORREA, 2009) com o objetivo de manter certa formalidade, seria, de fato, no espaço escolar, que tal forma é incorporada à gramática interna da criança, já que a forma sintética não é adquirida de forma natural como vimos na seção 3.1.

3.2.1 Intervalo entre 1ª a 4ª série (Escrita L₁/L₂)

Os dados para essa análise são parte do *corpus* "A relevância teórica dos dados singulares no processo de aquisição da linguagem escrita" da Unicamp. Foram ali analisadas aproximadamente 100 redações infantis (cadernos escolares) de 1ª a 4ª série. A Tabela 3, a seguir, apresenta as formas de futuridade encontradas nesse *corpus* por ano escolar.

TABELA 3 – Formas de futuridade por série escolar

Série	Ir + infinitivo		Sintético		Haver de + infinitivo		Presente		Mesóclise		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1ª	17	89%	2*	11%	0	0%	0	0%	0	0%	19	100%
2ª	10	77%	3*	23%	0	0%	0	0%	0	0%	13	100%
3ª	9	75%	3*	25%	0	0%	0	0%	0	0%	12	100%
4ª	8	80%	1	10%	0	0%	1	10%	0	0%	10	100%
Total	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados acima mostram que a forma perifrástica encabeçada pelo auxiliar 'ir' é a mais usada pela criança; seus usos são predominantes em todas as séries escolares analisadas (cf. (8a-b), (9a), (10a) e (11a)). A despeito da aquisição espontânea, em que a forma sintética não aparece nos dados de produção da criança, aqui a escola parece começar a influenciar o uso da forma sintética, como percebemos em (8c), (9b-c), (10b-d) e (11b). As formas sintéticas com asterisco referem-se às formas encontradas em enunciados de exercícios, claramente copiados da lousa (2 ocorrências na 1ª série, como em (8c); 1 entre 3 ocorrências na 2ª série, em (9c); 2 entre 3 ocorrências na 3ª série, como em (10d)) ou de formas sintéticas cristalizadas, como apresentado em (4), que não expressam futuridade (somente 1 caso, dentre os 3, na 3ª série, apresentado em (10b)). Todas as outras formas sintéticas veiculavam, de fato, tempo futuro (2 ocorrências na 2ª série, 1 na 3ª série e a única forma temporal na 4ª série).

A Tabela 3 também mostra que nesse período não há dados das formas 'haver-de' + infinitivo, nem da mesóclise. Em contexto mesoclítico, o que a criança fez foi o uso da próclise ((9b) e (10c)). Por fim, encontramos também dados (1 ocorrência na 4ª série) com verbos no presente que veiculam futuridade (cf. (11c)).

(8) 1ª série

- (a) O Zorro **vai**_{AUX.PRS} **zarrar**_{V-INF} pra outro lado.
- (b) Já sei, quando eu tiver dinheiro **vou**_{AUX.PRS} **ir**_{V-INF} no cabeleireiro!
- (c) Eu tenho 3 filhos e quero dar 4 bolinhas de gude para cada um. De quantas bolinhas eu **precisorei**_{V.FUT}?

(9) 2ª série

- (a) Amanhã **vamos**_{AUX.PRS} **olhar**_{V-INF} no dicionário.
- (b) Ela **verá**_{V.FUT} se você é casado (a), se for, ela o **aprisionará**_{V.FUT} para sempre, pois ela tem muito ciúme.
- (c) Tenho 123 cruzeiros. Se eu der 102 **ficarei**_{V.FUT} com 21.

(10) 3ª série

- (a) Poxa eu já **vou**_{AUX.PRS} **fazer**_{V-INF} 12 anos e nunca vi um bicho papão.
- (b) **Será que** esses bichos não existem?
- (c) Zé, me dá uma passagem para Manguinhos? Sim lhe **darei**_{V.FUT} uma passagem.
- (d) Quantos dias de férias vocês **terão**_{V.FUT}? Eu **terei**_{V.FUT} 72 dias de férias.

(11) 4ª série

- (a) Mas botando fiscais isto não **vai**_{AUX.PRS} mais **acontecer**_{V-INF}

(b) Vá para o quilombo da costa, lá você **conseguirá**_{V,FUT} migrar para sua terra através de algum barco negro.

(c) O cruseiro **sai**_{PRS} de vigor no ano que vem.

Nesse *corpus*, encontramos casos de *code-switching*, em que o sujeito alternou, ora na mesma sentença, ora no mesmo texto, as expressões de futuridade:

(12) Agora nós **ficaremos**_{V,FUT} sem água e só **vamos**_{AUX,PRS} **poder**_{V-INF} **beber**_{V-INF} a água do cactus ou do nosso próprio suor.

3.2.2 Intervalo entre 5ª a 8ª série (Escrita L₂)

No que se refere à aprendizagem da forma sintética via escolarização, foram coletados e analisados do *corpus* "Banco de dados de escrita do Ensino Fundamental II" da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de São José do Rio Preto, 80 textos, de 5ª a 8ª série.

De maneira aleatória, selecionamos os textos das propostas que tinham minimamente uma ocorrência de qualquer expressão de futuridade (ver exemplo (3)) considerada. Assim, chegamos aos resultados expostos a seguir:

TABELA 4 – Formas de futuridade por série escolar

Série	Ir + infinitivo		Sintético		Haver de + infinitivo		Presente		Mesóclise		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
5ª	25	83%	5	17%	0	0%	0	0%	0	0%	30	100%
6ª	25	65%	12	32%	0	0%	1	3%	0	0%	38	100%
7ª	31	89%	4	11%	0	0%	0	0%	0	0%	35	100%
8ª	18	67%	9	33%	0	0%	0	0%	0	0%	27	100%
Total	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dos dados da Tabela 4, é possível afirmar que encontramos ocorrências tanto de futuro sintético quanto de futuro perifrástico nos dados do ensino fundamental II (cf. (13)-(16)). Ademais, não foram atestadas ocorrências de "haver-de" e somente uma ocorrência de formas de presente veiculando futuridade (cf. (17)). Por fim, mas não menos importante, todos os contextos em que a norma prescreve o uso da mesóclise, foi usada a próclise em relação ao verbo pleno nas formas perifrásticas⁹ (cf. (13c), (15c)); ou seja, não foi atestada nenhuma ocorrência de mesóclise.

(13) 5ª série

(a) Eu gosto de carro grande, só quando eu crescer na vida **vou**_{AUX,PRS} **fazer**_{V-INF} isso que é meu sonho.

(b) Quando você quiser conversar com alguém, tem que ver se ela está online, se ela estiver o nome dela estará em verde, e se ela não tiver seu nome **estará**_{V,FUT} em preto.

(c) e você **vai**_{AUX,PRS} se **divertir**_{V-INF} no jogos sites.

⁹ Remete-se o leitor a Vilela (2004), que mostrou frequência e estratégias de esquiva à mesóclise em textos escritos.

(14) 6ª série

(a) nos **vamos**_{AUX.PRS} **comprar**_{V-INF} **vamos**_{AUX.PRS} **ir**_{V-INF} a piscinas, vamos aos restaurantes, aos parque e etc, etc, etc e etc.

(b) Agora que poço fazer isso, **faserei**_V, **FUT** que vire realida, e **sera**_{V,FUT} os 8 dias mais felizes da minha. Vida.

(15) 7ª série

(a) Sabe vou querer um futuro cheio de no novas fases **vão**_{AUX.PRS} **ter**_{V-INF} umas que vou chorar, outras que vou sorrir, outras que vou passar.

(b) Senhor é legal sabe como fazer os outros se divetirem e se emaginar, Claro que eu **ficarei**_{V,FUT} quieto.

(c) Nossa **vou**_{AUX.PRS} me **divertir**_{V-INF} pra caramba pois eu não posso dizer o que vai acontecer eu só posso dizer que eu vou me formar em Direito.

(16) 8ª série

(a) O certo é que nossa amizade **vai**_{AUX}, **PRS** **durar**_{V-INF} para todo o sempre.

(b) Mas acho que mesmo assim a criança ainda **carregará**_{V,FUT} o trauma.

Nesse *corpus*, encontramos alternância, ora na mesma sentença, ora no mesmo texto, do uso das expressões de futuridade, porém somente com 'ir' + infinitivo e a forma de presente:

(17) nos vamos comprar, **vamos**_{AUX.PRS} **ir**_{V-INF} a piscinas, **vamos**_{PRS} aos restaurantes, aos parque e etc, etc, etc e etc.

3.3 Universitários (Escrita L₂)

Os dados escritos de universitários fazem parte do ProCorp, um banco de dados de produções acadêmicas feitas por alunos universitários do curso ProFIS, da Unicamp. Os dados estão organizados da forma que se segue (Tabela 5).

TABELA 5 – Formas de futuridade em textos universitários

Ir + infinitivo		Sintético		Haver de + infinitivo		Presente		Mesóclise		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
8	13%	52	87%	0	0%	0	0%	0	0%	60	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Encontramos nesse conjunto somente a forma "ir" + infinitivo e a forma sintética para futuridade. Porém, é notória a preferência pela última. Não houve cocorrência das formas de futuridade: houve consistência nos usos das variáveis. Além disso, não atestamos ocorrência de mesóclise, nem de "haver-de", tampouco de formas verbais no presente veiculando futuridade. Alguns exemplos representativos dos dados acima:

(18) (a) Essa proposta não agradou grande parte da população e realmente não **solucionará**_{V,FUT} a falta de água.

(b) E se as coisas continuarem como estão, só **vai**_{AUX.PRS} **ir**_{V-INF} de mal a pior.

3.4 Entrevista com acadêmicos (Fala L₁/L₂)

De modo a contrastar o que o universitário escreve com o que fala, expomos, a seguir, os dados de Araújo-Adriano (2016) que analisou entrevistas gravadas de graduandos, pós-graduandos e professores universitários da Unicamp. O autor controlou as variáveis de futuro, a partir de algumas perguntas¹⁰ feitas, na ocasião da entrevista, que favoreciam ocorrências de futuro. Os dados adaptados do autor estão na Tabela 6, que logo aparece.

¹⁰ Cf. Apêndice de Araújo-Adriano (2016).

TABELA 6 – Formas de futuridade em entrevistas com acadêmicos

Grau de instrução	Ir + infinitivo		Sintético		Haver de + infinitivo		Presente		Mesóclise		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Graduandos	122	99	0	0	0	0	1	1	0	0	123	100
Pós-graduandos	98	96	4	4	0	0	0	0	0	0	102	100
Professores Universitários	66	96	2	3	0	0	1	1	0	0	69	100
Total	286	98%	6	2%	0	0%	0	0%	0	0%	292	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto maior o grau de instrução, maior o número (ainda que muito reduzido) de futuro sintético: nos dados do autor, não houve nenhuma ocorrência de futuro sintético nas entrevistas com graduandos, enquanto nas entrevistas com pós-graduandos e professores universitários o número foi maior, 4% e 3%, respectivamente. A amostra desses resultados está representada abaixo:

(19) **Graduandos**

(a) A tecnologia **vai**_{AUX.PRS} **estar**_{V-INF} mais avançada, vai ter mais informação para todomundo, o acesso mais fácil e essa é a tendência.

(20) **Pós-graduandos**

(a) Eu só espero que não esteja da maneira como nossos políticos atuais tem tentado a fazer. Eu acredito que Cunha e seu bando eventualmente não **conseguirão**_{V,FUT} eu espero... Eu tenho esse sentimento de que as coisas não seguirão da maneira que me parece drástica.

(b) Ah, a educação é a mesma coisa, né. Provavelmente **vai**_{AUX.PRS} **ser**_{V-INF} uma educação maior, mais abrangente, mais quantidade de gente na escola, na universidade.

(21) **Professores Universitários**

(a) Mas tudo isso não me soa muito otimista, não. Se não piorar, **vai**_{AUX.PRS} **continuar**_{V-INF} mais ou menos do jeito que está hoje.

(b) Primeiro que esse ano eu não **tere**_{V,FUT} férias, porque eu entrei na Unicamp em dezembro, mas no ano que vem, eu sempre uso minhas férias para viajar, as próximas também serão férias para viajar.

Nesse *corpus*, encontramos alternância (*code-switching*) do uso das expressões de futuridade, com a forma sintética em competição ora com a forma perifrástica ora com a forma de presente. No primeiro caso, a forma sintética “poderão” coocorre com “vai repercutir” em (22), no segundo caso, as formas sintéticas “tere” e “serão” competem com “vou” (com a forma equivalente a “irei”), em (23):

(22) Como houve mais distribuição de renda, mais pessoas **poderão**_{V,FUT} comprar ou procurar outras formas de se educar fora do ambiente público, mas isso **vai**_{AUX.PRS} **repercutir**_{V-INF} dentro das escolas públicas também.

(23) Primeiro que esse ano eu não **tere**_{V,FUT} férias, porque eu entrei na Unicamp em dezembro, mas no ano que vem, eu sempre uso minhas férias para viajar, as próximas também **serão**_{V,FUT} férias para viajar. No final do ano eu **vou**_{V,PRS} para os EUA, a passeio mesmo. Mas agora eu **vou**_{V,PRS} por motivo específico, né...

4 Discussão e conclusão

A partir da exposição dos nossos dados, mostramos que a forma sintética da expressão de futuridade não faz parte da gramática nuclear do falante de PB. A gramática nuclear do falante de português brasileiro é composta pela forma perifrástica "ir" auxiliar no presente concatenado a um VP infinitivo (ARAÚJO-ADRIANO, 2019b), enquanto sua gramática periférica é estruturada pela forma sintética V_{FUTURO} . Essa diferença entre gramáticas é desencadeada pela aquisição natural da forma perifrástica e pela inserção da forma sintética no processo de escolarização. A escola, então, recupera (KATO, 2013; KATO; CYRINO; CORREIA, 2009) somente a forma sintética, mas não a estrutura "haver de" concatenada a um VP infinitivo, tampouco estruturas mesoclíticas, ambas presentes na gramática do brasileiro no século XVIII.

Os dados de aquisição natural e espontânea (seção 3.1) serviram para delinear o conhecimento da gramática nuclear da criança antes da escolarização. As três crianças analisadas não produziram nenhuma forma de futuro sintético, o que já era esperado, uma vez que os dados aos quais estavam expostas não tinham nenhuma evidência positiva para a forma sintética expressando futuridade, mas somente formas sintéticas que não expressam tempo (ver (4)). Essas crianças começam a produzir expressões de futuridade por meio da regra em (24), a seguir, por volta dos 02:01 (dois anos e um mês) (ver Tabela 2). Esses dados endossam a hipótese de que o conhecimento adquirido para expressar futuridade é composto pela forma perifrástica, ou seja, a gramática nuclear da criança do PB conteria somente a estrutura "ir" + infinitivo para futuridade.

(24) Expressão de futuridade adquirida naturalmente pelo falante de PB

$ir_{\text{AUX.PRS}} + VP_{\text{INF}}$

Durante o processo de escolarização, o número de formas sintéticas aumenta nos textos escritos dos falantes de PB. Nos dados coletados de 1ª a 4ª série (conforme seção 3.2.1), as formas sintéticas de futuridade começam a aparecer (ver Tabela 3). Embora não com total consciência, já que muitos desses casos são cópias de enunciados, há nesses dados uma primeira evidência de forma sintética veiculando, de fato, futuridade. No conjunto de textos de 5ª a 8ª série (mostrados na seção 3.2.2), o uso de forma sintética do verbo é muito maior, apesar de ainda ser menor que o número de formas perifrásticas (ver Tabela 4). Esse cenário muda em relação aos dados escritos de universitários (segundo evidências apresentadas na seção 3.3), cuja forma sintética sobrepõe o uso da forma perifrástica (ver Tabela 5). Tais resultados sugerem que: a) a forma sintética é adquirida no contexto escolar; e que b) quanto mais escolarizado é o falante, mais formas sintéticas são usadas, pelo menos na escrita.

Nossos dados mostram que a escola recupera algumas perdas linguísticas. Na comparação entre os resultados de aquisição com os dados diacrônicos (conforme a seção 2 junto da Tabela 1), organizados na Tabela 7, a seguir, vê-se que a forma sintética, que iniciou seu decréscimo no século XIX, é a forma recuperada pela escola. Seu uso, à medida que a escolaridade avança, é muito maior que a forma sintética usada nas peças dos séculos XIX, XX e XXI. Dessa maneira, verificamos que o papel da escola é o de inserir, pelo menos para expressar futuridade, as estruturas do século XVIII e XIX, quando a forma sintética era a variável mais utilizada. Porém, não parece ser o caso de que a escolarização insere todas as formas que veiculavam futuridade nos séculos passados.

TABELA 7 – Dados sincrônicos e diacrônicos das expressões de futuridade

	Não letrado ¹¹	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	Universitários	séc. 18	séc. 19	séc. 20	séc. 21
Ir + infinitivo	100%	83%	67%	89%	67%	13%	2%	27%	80%	84%
Sintética	0%	17%	33%	11%	33%	87%	64%	46%	6%	1%
Presente	0%	6%	0%	5%	0%	0%	33%	24%	12%	0%
Haver-de	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1%	3%	2%	14%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Até o século XIX, a expressão de futuridade era veiculada tanto pela forma sintética quanto pela forma "haver-de". A escola, porém, não recupera todas as formas antigas da língua: nossos dados mostram que nem a forma "haver" concatenada a um VP infinitivo, nem a forma mesoclítica são mantidas no contexto escolar, independentemente da escolaridade. Sobre a primeira questão, Araújo-Adriano (2019a) sugere que o verbo "haver" perdeu força no sistema para veicular futuridade devido a sua concorrência com outras formas.¹² Sobre o segundo fato, Vilela (2014) mostra, analisando textos escritos formais – especificamente teses das Ciências Humanas e Exatas, que a mesóclise cede lugar à próclise e que há certas estratégias que esquivam o uso da mesóclise. Isso implica afirmar que a mesóclise, por não ser recuperada na escola, seria uma forma intragável¹³ e, quiçá, não interpretada como uma forma de futuridade dentro da qual o clítico se

encontra; o que nos faz lembrar de *Terteão* de Graciliano Ramos¹⁴, em "Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta", referindo-se à passagem "Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém".

Concluimos também que a recuperação da forma sintética ocorre somente no domínio da escrita. As entrevistas com graduandos, pós-graduandos e professores universitários (expostas na seção 3.4) feitas em Araújo-Adriano (2016) indicam que na fala o cenário é completamente diferente do que encontramos nos textos escritos: 98% das expressões de futuridade foram formadas pela perífrase (ver Tabela 8). A despeito da produção oral, em que a forma, no caso o uso da perífrase, é muito semelhante aos dados das peças contemporâneas, é somente na produção escrita que a gramática de uma época anterior é (parcialmente) mantida, diferentemente do que Kato (1999) encontra para os clíticos acusativos.

TABELA 8 – Dados sincrônicos e diacrônicos das expressões de futuridade

	Dados dos universitários			Dados históricos		
	Oral	Escrito	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI
Ir + infinitivo	98%	13%	2%	27%	80%	85%
Sintética	2%	87%	64%	46%	6%	1%
Presente	0%	0%	33%	24%	12%	14%
Haver-de	0%	0%	1%	3%	2%	0%

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹¹ Esses dados se referem aos dados de aquisição da Tabela 2, isto é, dados sem influência da escolarização.

¹² Conferir Nota 6.

¹³ *O Manual da Redação da Folha de S.Paulo* (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 177), por exemplo, deixa claro que mesóclise deve ser usada somente em textos de colonistas/articelistas, sendo sugerida a próclise em relação ao verbo no futuro.

¹⁴ RAMOS, 1945, p. 108)

Por fim, atestamos que alguns usos de futuro sintético vieram acompanhados de formas perifrástica, ou seja, observamos casos de *code-switching* (KATO, 2005). Essa alternância corrobora a proposta de que os falantes são bilingues na sua própria língua. Assim, o que permite ao falante fazer tais alternâncias é a combinação do subconjunto L1 e L2, parcelas da competência linguística (Língua-I), considerando a oposição entre forma perifrástica (componente da L1) e forma sintética (componente da L2).

O percurso delineado aqui mostra que, em um primeiro momento, a criança, na sua fala natural, tem somente na sua gramática *default* (G1) a forma perifrástica, seguida de uma escrita moldada pela norma (daí a emergência de uma G2 em que a forma sintética está contida), porém ainda pautada na fala natural. Posteriormente, afetada pelas normas convencionais, há uma escrita conservadora, inclusive com a forma sintética sobressaltando a perifrástica, quanto maior a escolarização. Por fim, há uma fala composta pela gramática *default* mas que, por conveniência, acessa a periferia marcada, em consequência da constante escavação de fósseis gramaticais ao longo da escolarização. Esse esquema, revisitando Kato (1986), está abaixo.

(ii) Fala _{L1} > Escrita _{L1/L2} > Escrita _{L2} > Fala _{L1/L2}			
'IR'+INFINITIVO	'IR'+INFINITIVO/ FUTURO SINTÉTICO	FUTURO SINTÉTICO	'IR'+INFINITIVO/ FUTURO SINTÉTICO

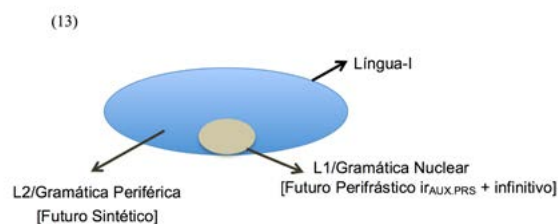
Após esse percurso, chegamos ao conhecimento do letrado do português brasileiro em relação às expressões de futuridade, formalizado em (25) e ilustrado na Figura 2:

(25) Língua-I_(FUTURIDADE) = L1 + L2, onde,

$$L1 = ir_{AUX.PRS} + VP_{INF} e$$

$$L2 = V_{FUT}$$

Figura 2 – Língua-I do letrado: expressão de futuridade



Fonte: Elaborado pelo autor.

Cabe, a título de perseguição da nossa proposta, verificar qual o conhecimento linguístico acerca das expressões de futuridade em falantes menos letrados. Esperaríamos que, assim como a criança, antes do processo de escolarização, que só tem 'ir_{AUX.PRS}' + infinitivo no subconjunto da sua GU, os falantes menos letrados não produzissem forma sintética de futuro, simplesmente pelo fato de que não escavaram tal fósil linguístico no ambiente escolar, local onde uma nova língua portuguesa é apresentada aos próprios falantes de português.

Referências

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. Análise da expressão do futuro em textos argumentativos do ProfIS. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas, v. 11, p. 21-34, dez. 2014.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. Alguns aspectos sobre a expressão do futuro no português brasileiro: fala, escrita e representação. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v. 15, p. 493-523, 2016.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. **Sintaxe e diacronia da expressão de futuridade no PB**. 206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2019a.

ARAÚJO-ADRIANO, Paulo Ângelo. Como as crianças brasileiras adquirem a expressão de futuridade: um estudo sintático. **Miguilim** - Revista Eletrônica do Netlli. Crato, v. 8, n. 2, p. 708-727, maio/ago. 2019b. <https://doi.org/10.47295/mgrena.v8i2.2107>

AVELAR, Juanito. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de HAVER no português brasileiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74, mar. 2006.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Gragoatá**, Niterói, v. 2, n. 9, p. 85-100, 2002.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX. *In*: ALKMIN, Tânia (org.). **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2003. v. 3. p. 47-67.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**: The Pisa Lectures. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. **Barriers**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1986.

CURTISS, Susan. **Genie**: A psycholinguistic study of a modern day "wild child". Cambridge, MA: Academic Press, 1977.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual da redação da Folha de São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2018.

GIBBON, Adriana. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. 2000. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GROLLA, Elaine; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. **Para conhecer aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**. Campinas: Ática, 1986.

KATO, Mary. Apresentação. *In*: KATO, Mary; ROBERTS, Ian (org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 15-27.

KATO, Mary. Aquisição e aprendizagem: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico. *In*: GRIMM-CABRAL, Loni; MORAES, José (org.). **Investigações a linguagem**: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral. Florianópolis: Mulher, 1999. p. 201-225.

KATO, Mary. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. *In*: MARQUES, Maria Aldina *et al.* (org.). **Ciências da linguagem**: 30 anos de investigação e ensino. Braga: Centro de Estudos Humanísticos Universidade do Minho, 2005. p. 131-145.

KATO, Mary. O português são dois... ou três?. *In*: LOBO, Thania *et al.* (org.). **ROSAE**: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 93-108.

KATO, Mary. A gramática nuclear e a língua-I do brasileiro. *In*: MARTINS, Marco Antonio (org.). **Gramática e Ensino**. Natal: EDUFRN, 2013. v. 1 (Coleção Ciências da Linguagem aplicadas ao ensino). cap. 6. p. 149-164.

KATO, Mary; CYRINO, Sonia; CORREA, Vilma. Brazilian Portuguese and the recovery of lost clitics through schooling. *In*: PIRES, Acrísio; ROTHMAN, Jason (ed.). **Minimalist inquiries into child and adult language acquisition**: case studies across Portuguese. Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2009. cap. 10. p. 245-272. <https://doi.org/10.1515/9783110215359.2.245>

LANE, Harlan. **The wild boy of Aveyron**. Cambridge, MA: HUP, 1976.

LIGHTFOOT, David. **How to Set Parameters**: Arguments from Language Change. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Estudos Gerais, Imprensa Nacional, 1989.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. A variação haver/ter. *In*: MATTOS e SILVA, R. V. (org.). **A Carta de Caminha**: Testemunho linguístico de 1500. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996. p. 181-193.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

PAGOTTO, Emilio. A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX. **Revista Letra**, Rio de Janeiro, v. 1. p. 31-50, 2013. <https://doi.org/10.17074/rlv10.27>

ROBERTS, Ian. **Diachronic Syntax**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

ROBERTS, Ian. Inertia. *In*: ROBERTS, Ian; LEDGWAY, David (ed.). **The Cambridge Handbook of Historical Syntax**. [S. l.]: Cambridge, 2017. cap. 20. p. 425-445. <https://doi.org/10.1017/9781107279070.021>

ROEPER, Thomas. Universal Bilingualism. **Bilingualism: Language and Cognition**, Cambridge, v. 2, n. 3, p. 169-186, 1999. <https://doi.org/10.1017/S1366728999000310>

SANTOS, Josete. A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro. n. 22. p. 72-84. jan./abr. 2002.

VILELA, Ana Carolina. **A mesóclise em textos acadêmicos**: frequência, estratégias de esquivas e avaliação. 2014. 133 f. Monografia (Bacharel em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIOTTI, Evani. Uma história sobre 'ter' e 'haver'. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 34. p. 41-50, jan./jun. 1998.

Paulo Ângelo de Araújo-Adriano

Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Paulo Ângelo de Araújo-Adriano
 Universidade Estadual de Campinas
 R. Sérgio Buarque de Holanda, 571
 Cidade Universitária, 13083859
 Campinas, SP, Brasil